

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

O LUTO VESTÍVEL: ROUPAS COMO FERRAMENTAS DE PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA

Wearable grief: clothing as tools for perpetuation of memory

Blanco, Beatriz; Mestre; Universidade da Amazônia,
blanco.beatrizmariana@gmail.com¹

Resumo: A ruptura emocional causada pela perda de um ente querido gera uma problemática enfrentada de formas distintas por diversas culturas: o desaparecimento físico da pessoa. A imortalização de sua memória é o objetivo das manifestações que envolvem trazer solução para esta ausência física. Tenciona-se, aqui, uma reflexão teórica a respeito do papel das roupas no enfrentamento à ausência material e sua capacidade de auxiliar no processo de elaboração do luto.

Palavras-chave: Morte; Luto; Vestimenta.

Abstract: The emotional rupture caused by the loss of a loved one creates a problem faced in many different ways by many cultures: the person's physical vanishing. The immortalization of its memory is the goal of all manifestations that are about bringing a solution to this physical absence. The intent here is to bring a theoretical reflexion on the role clothes have When one's facing material absence and their capacity to aid on the grieving process.

Keywords: Death; Grief; Clothing.

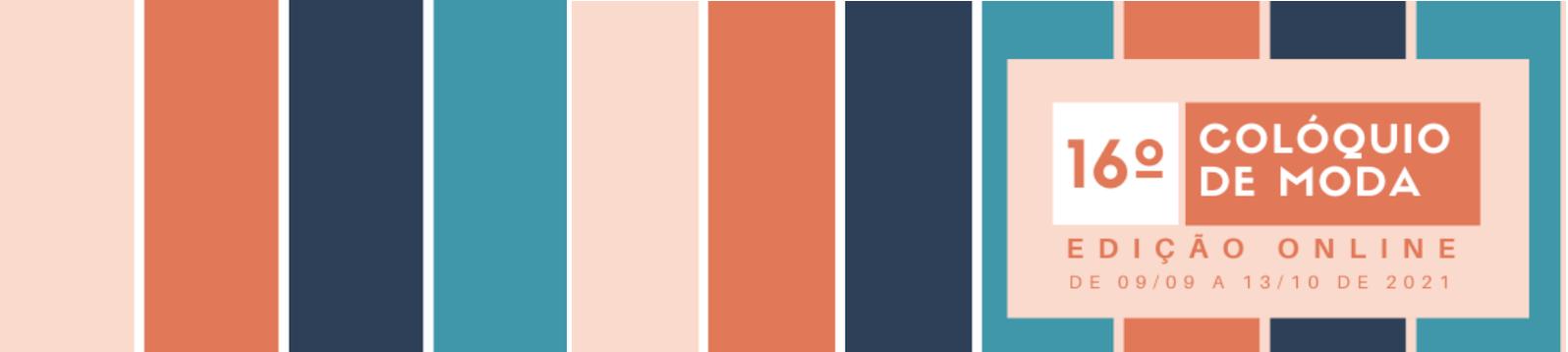
Introdução

Diversos são os impactos gerados na psiquê humana diante da morte, visto que esta promove uma ruptura no senso de apreensão e elaboração da realidade a qual o sujeito está inserido. Diante da partida de um ente querido, é fácil vivenciar um sentimento de perda de conexão com o pertencimento outrora fornecido em partes pela presença física daquele que se foi. Se o falecido era um pai ou uma mãe, como o enlutado consegue continuar se enxergando no papel de filho? Ou de cônjuge, se aquele que se vai é um marido ou esposa?

É comum que, durante o processo de luto, um dos principais fatores que trazem angústia ao enlutado seja a ausência física daquele que se foi. Se antes havia o convívio, após o falecimento, aparentemente, já não há mais vínculo. A impossibilidade de tornar a ver,

¹ Beatriz Blanco é Bacharel em Moda pela Universidade da Amazônia (2014), especialista em Negócios da Moda: Gestão, Marca e Coleção pelo SENAC São Paulo (2016) e Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (2020). Pesquisa as relações entre a sociedade e seus fenômenos, e a Moda.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

ouvir, interagir e conviver com alguém que antes era parte ativa da vida do sujeito é um desafio enfrentado de formas distintas ao redor do mundo, tanto na esfera pessoal como na esfera cultural.

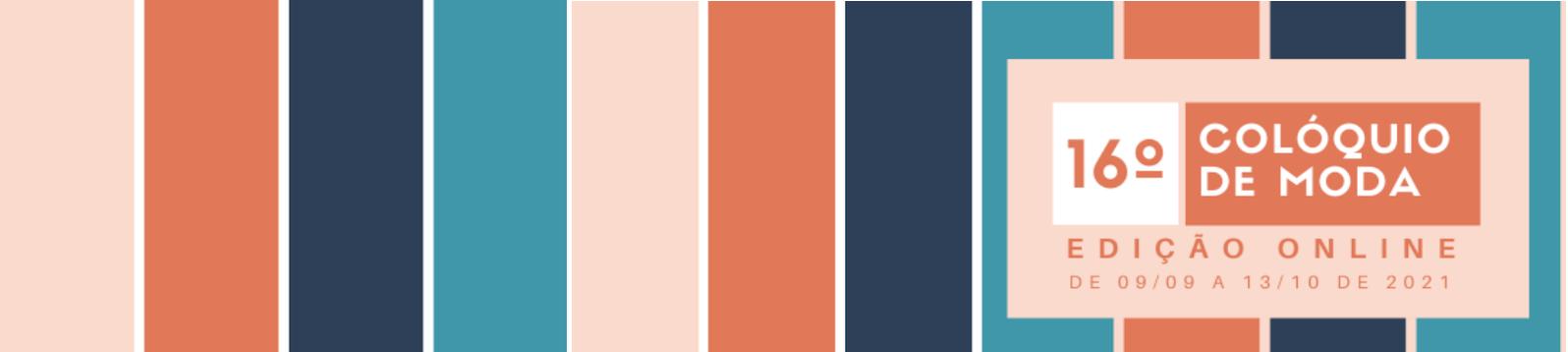
Um bom exemplo da magnitude deste desafio é a canção “Naquela Mesa” composta em 1972 por Sérgio Bittencourt e interpretada por Elizeth Cardoso e posteriormente por Nelson Gonçalves e Zeca Pagodinho. Foi composta em virtude do falecimento do pai de Sérgio, Jacob do Bandolim. Seus versos expressam os sentimentos de Sérgio diante da falta física do pai:

Eu não sabia que doía tanto uma mesa no canto, uma casa e um jardim. Se eu soubesse quanto dói a vida, essa dor tão doída, não doía assim. Agora resta uma mesa na sala e hoje ninguém mais fala no seu bandolim. Naquela mesa tá faltando ele e a saudade dele tá doendo em mim. (BITTENCOURT, 1972)

Sérgio representa a ausência física de seu pai nesta canção ao falar dos objetos que a ele estavam relacionados: a casa onde ele morava, o jardim que ele cuidava, o bandolim que lhe deixou famoso e, por último, a mesa onde ele se sentava à hora das refeições e contava histórias que Sérgio dizia já saber de cor. Este exemplo está carregado de sentimento, de expressividade do luto sentido por Sérgio diante da perda de seu pai, mas também evoca a dinâmica central para a reflexão deste trabalho: como os objetos impregnam-se de memórias relacionadas a quem se foi, e como eles podem auxiliar no processo de elaboração do luto.

Para a compreensão desta reflexão, elencamos os estudos de Octave Debarry, Georges Didi-Huberman e Peter Stallybras, as postulações destes autores a respeito da relação entre os objetos e a memória humana são os pilares para a condução deste trabalho, aplicando-os às roupas e procurando evidenciar um aspecto pouco abordado de sua funcionalidade: o auxílio à mitigação da ausência física de um ente querido falecido. Para tanto, selecionamos aqui uma prática brasileira que faz uso das roupas neste processo de aceitação da morte, a Coberta da Alma, tradição gaúcha de origens açorianas onde uma pessoa usa as roupas do falecido, a fim de encomendar sua alma de maneira correta e também para aliviar a ausência material daquele que se foi, assumindo moralmente seu papel no seio familiar enlutado.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

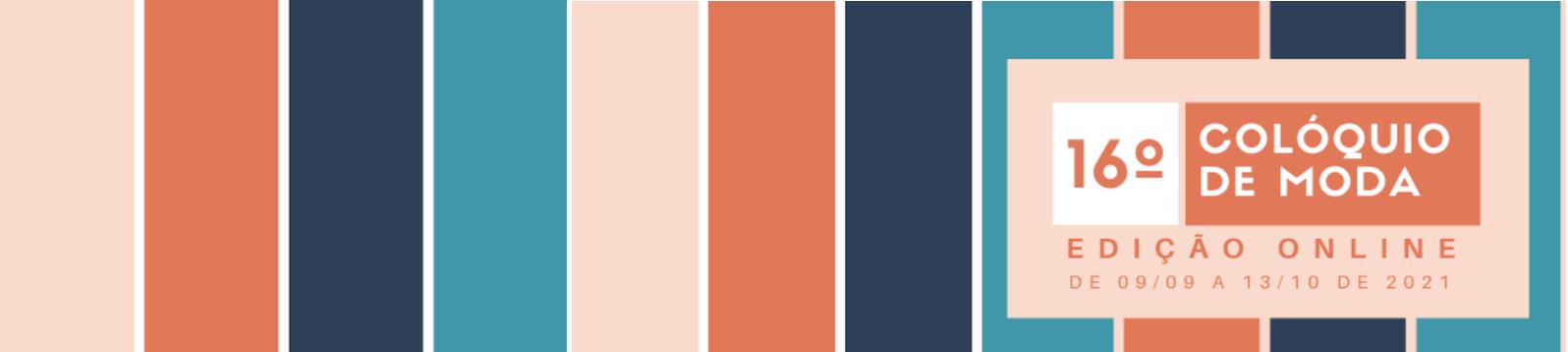
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A Marca da Memória: A Coberta da Alma

Observa-se, em cidades do litoral do Rio Grande do Sul, como Osório, um costume peculiar diante de um falecimento: trata-se do ritual da Coberta da Alma. Cristian Metz (2019) faz uma descrição precisa da natureza desta prática. Diante da morte de um ente querido, a família escolhe uma pessoa próxima (parente ou amigo) e doa uma muda completa de roupas do falecido para esta pessoa. Às vezes a pessoa e a muda de roupas já são selecionadas em vida pelo próprio falecido, em outras é a família que decide tudo. As roupas podem ser compradas ou confeccionadas para este fim, mas também podem já ser de uso do morto, ocasião em que são aquelas que possuem alguma espécie de memória afetiva para a pessoa que partiu. Daquele momento em diante, a pessoa que recebe a doação tem a missão de usar as roupas ou na missa de sétimo dia de falecimento do doador, ou na de trinta dias. Esta prática, ainda de acordo com Metz (2019), está enraizada na crença local de que as roupas com as quais o morto é enterrado, apodrecem junto com o corpo, desta forma, a alma só se apresenta vestida diante de Deus se outra pessoa usar suas roupas – cobrir-lhe a alma. Além disso, o ritual ajuda a trazer consciência ao espírito do falecido, que compreende o próprio desencarne e segue adiante, libertando-se de seu corpo físico em paz. O costume afirma que a alma não tem sossego se o ritual não for realizado, pois encontra-se despida, com frio, desprotegida.

Por outro lado, aquele que recebe a roupa assume de forma moral e afetiva, o papel daquele que se foi, tornando-se uma espécie de avatar do falecido para sua família e amigos íntimos, sendo tratado como se fosse o próprio morto. No dia designado para o ritual, ainda segundo Metz (2019), a família se reúne na sala da residência do falecido e entrega a muda de roupa para a pessoa escolhida. Feito isso, um dos parentes acompanha a pessoa até o quarto e lhe auxilia no processo de vestimenta, sempre chamando o outro pelo nome do morto. Terminada esta etapa, todos seguem para a igreja onde se realiza a missa de sétimo ou de trinta dias de falecimento. Em seguida, todos retornam à casa e a família faz uma refeição junto com a pessoa responsável por vestir a alma do falecido. Esta refeição (almoço ou jantar) é composta por todos os pratos prediletos do morto, e a pessoa que veste suas roupas





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

é servida com generosas porções, ainda sendo chamada pelo nome daquele que se foi. Se o falecido tinha predileção por certa fruta, a pessoa deve comer esta fruta. Se bebesse álcool, a pessoa deve beber. Se fumasse, a pessoa deve fumar.

Metz (2019) enfatiza que este momento é muito importante, pois é nele em que se encerra o ritual. Findada a refeição, a casa é completamente aberta, e um membro da família de mais autoridade, acompanhado da pessoa vestida com as roupas do falecido, dirige-se à porta de entrada e profere algumas palavras direcionadas ao espírito do morto, com o objetivo de encerrar o ritual e encaminhar a alma de seu ente querido. Metz (2019, p. 18) reproduz estas palavras: ‘Fulano (cita o nome do morto) tu já recebeste a roupa nova. Já recebeste o jantar! Já te demos de comer, já te demos de beber, já rezamos por ti! Já te demos tudo o que podíamos te dar! Vai com Deus, descansa em paz.’

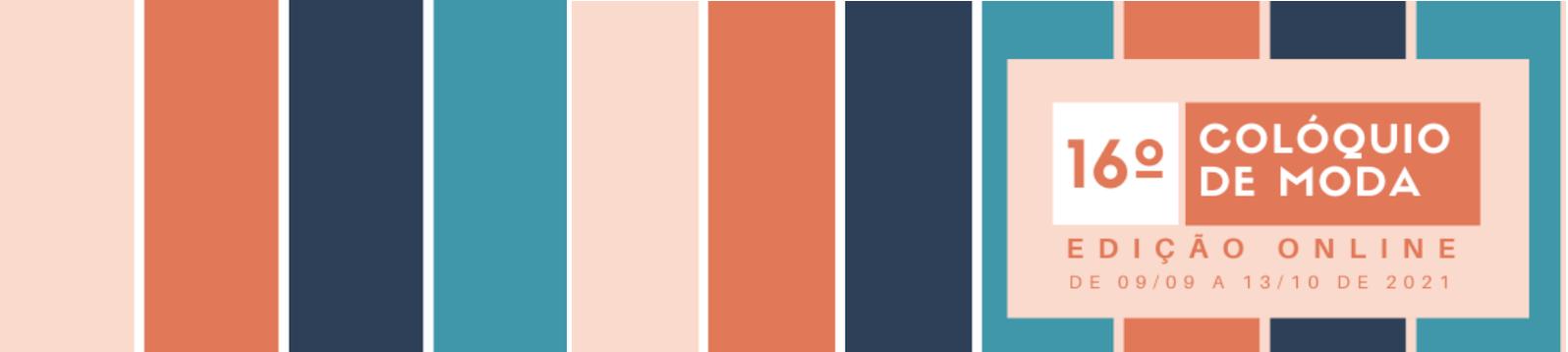
Octave Debary (2010) traz a ideia de que os objetos são como pontes de memórias individuais e coletivas, sendo capazes de reter os significados e histórias de seus donos consigo, mesmo que passem a pertencer a outras pessoas, desta forma nunca encontrando fins definitivos. Conforme passam de mão em mão, os objetos se transformam em amálgamas de todos aqueles que lhes possuíram, ressuscitados através da mera existência do objeto:

O que não sou mais senão através de um objeto, que se transformou em resto e que se contrapõe ao desaparecimento e ao esquecimento, tornando assim presente o que é ausente. Como denominar esse poder de ressurreição? Uma lembrança. Lembrança que se vai buscar, remexer e fazer sair da memória de um museu etnográfico. Uma lembrança retomada pelos outros e que existe por si. (DEBARY, 2010, p. 42)

É possível colocar esta noção de Debary em prática ao debruçar-nos sobre o sentido do ritual da Coberta da Alma, pois a roupa outrora pertencente ao falecido, ao passar para as mãos daquele que o representa, é tratada como um invólucro que contém todas as memórias daquele que se foi, e seu receptor (seu “avatar”) também representa a materialidade do morto, sendo tratado como se fosse ele.

Em entrevista concedida ao Portal GaúchaZH em 20/04/2018, o guarda civil municipal Charles da Rocha compartilhou sua experiência com o ritual da Coberta da Alma,





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

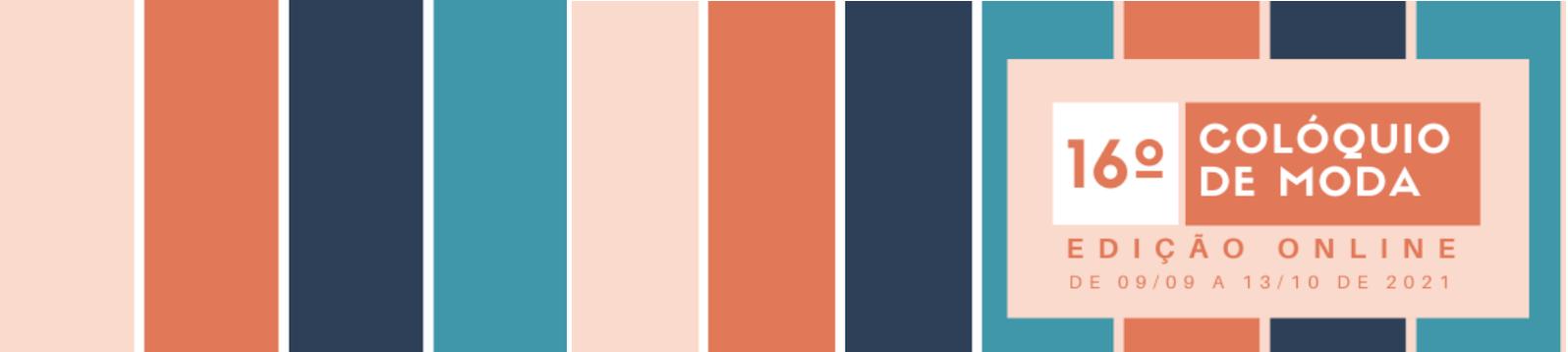
em razão do falecimento de Airton Ferreira, a quem considerava como um tio posticho, tamanha era a admiração que nutria por este. Airton fazia parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho e considerava de suma importância a manutenção das tradições do povo natural do Rio Grande do Sul, incluindo suas vestimentas típicas, conhecidas como pilchas. E foi justamente esta vestimenta tradicional que foi confiada a Charles pela família de Airton para que ele a vestisse na missa de sétimo dia do falecido:

Eu ficava pelos cantos, vendo como ele laçava, como se pilchava. Era como um pai. Eu sabia que, na hora que entrasse, causaria um impacto nas pessoas que gostavam tanto dele, mas eu tinha de fazer essa homenagem. Algo muito forte me dizia que eu tinha de vestir a roupa dele. Receber essas roupas, que tantas vezes vi ele usar, é uma lembrança que vou levar para sempre comigo. (ROCHA, 2018)

Apesar de o ritual ter começo, meio e fim definidos, e seu propósito seja o de encaminhar a alma com dignidade e respeito, sendo realizado totalmente para a pessoa que se foi, ele possui um efeito duradouro sobre aqueles que continuam vivos: ele suplanta a ausência física do falecido em seu seio familiar. Aquele que recebe a roupa do morto e realiza o ritual em sua memória, permanece sendo chamado pelo nome do falecido e moralmente falando, assume o papel que aquela pessoa tinha dentro da família. Metz (2019) destaca a fala de Preta Dias, moradora de Osório, que a respeito deste efeito do ritual, revelou: ‘Meu pai faleceu e meu tio que recebeu a Coberta d’Alma dele, ele ficou no lugar do meu pai. Ele é como o meu pai. Meu pai foi embora, mas ele ficou no lugar dele.’ (METZ, 2019, p. 19).

Georges Didi-Huberman (1998) versa a respeito do conflito gerado na mente humana diante da constatação de um falecimento. Ao refletir sobre a possível interação entre uma pessoa viva e um túmulo, Didi-Huberman traz a ideia de que aquilo que vemos, também nos olha. Desta forma, é possível que a pessoa, ao olhar para o túmulo, veja um conjunto de elementos tais como pedras, inscrições, elementos naturais e trabalhados, mas aquilo que ela percebe que lhe olha de volta é a certeza inelutável da finitude humana, da morte em si. Isto faz com que a pessoa contemple, nas palavras de Didi-Huberman (1998, p. 37) ‘o destino do corpo semelhante ao meu, esvaziado de sua vida, de sua fala, de seus





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

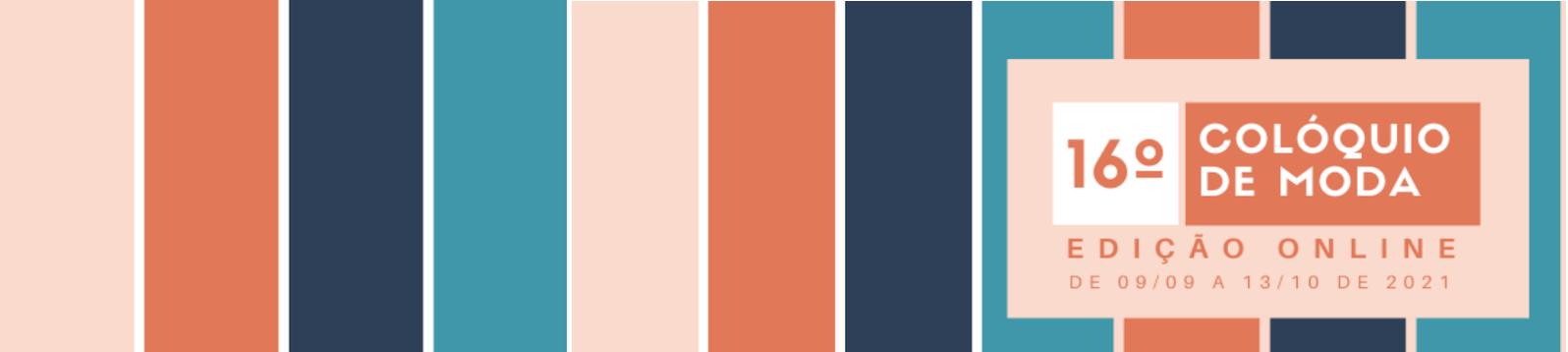
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

movimentos, esvaziado de seu poder de levantar os olhos para mim. E que, no entanto, me olha num certo sentido – o sentido inelutável da perda posto aqui a trabalhar’. Este choque só é causado pois, conforme descreveu Philippe Ariès (1977), a morte no passado era amplamente naturalizada, quando a sociedade ocidental tinha uma relação muito mais próxima com este assunto, pois morria-se em casa, e havia uma forma de agir e de viver estritamente pautada pela certeza de sua vinda, o que culminava em comportamentos receptivos diante do fim. Esta visão se alterou quando, ainda de acordo com Ariès (1977), inicia-se o processo de higienização da morte e do morrer, escondendo este fenômeno natural por trás de hospitais e evitando o assunto de forma direta nas conversas cotidianas. O luto é negado, tornando-se represado e estrangulado na sociedade ocidental contemporânea.

Assim sendo, é possível apreender que o ritual da Coberta da Alma abre uma válvula de escape para o sentimento de luto da família, oferecendo-lhes a possibilidade de elaboração desta perda, de resignação diante do que Didi-Huberman descreveu como uma certeza impossível de se lutar contra, ao passo que também é capaz de servir para mitigar a dor causada pela ausência material de seu ente querido. Debarry (2010) traz a noção de que o passado original, representado neste caso pelo próprio falecido, é alcançado sempre como memória revisitada no presente – através do ritual da Coberta da Alma – e assim sendo, o passado é sempre autenticamente refeito, ressuscitado pelo presente. Tudo o que estava materialmente ligado à pessoa que se foi, suas idiossincrasias palpáveis, é representado no ritual. Suas roupas, suas comidas favoritas, suas frutas prediletas, seus hábitos de fumar ou beber, tudo o que compunha o espectro físico desta pessoa é cuidadosamente reverenciado e lembrado, para então ser transferido para aquele que aceita vestir seus trajes a fim de cobrir-lhe a alma, curiosamente evocando na prática a expressão “coloque-se no meu lugar”, ou como se diz nos países de língua inglesa, “*walk a mile in my shoes*” (“ande uma milha usando meus sapatos”, ou seja, “coloque-se no meu lugar”).

Didi-Huberman (1998) sustenta a posição de que as memórias contidas em objetos possuem a capacidade de retornar, como ondas do mar, a cada vez que os contemplamos e somos contemplados por seus significados. Então, é seguro afirmar que





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

aquele que tem sua alma vestida através do ritual da Coberta da Alma, nunca morre de fato, pois permanece presente no convívio de sua família através daquele que lhe vestiu, fortalecendo desta forma os laços entre a família e o escolhido, e mitigando o sofrimento causado por sua inevitável ausência física.

Considerações Finais

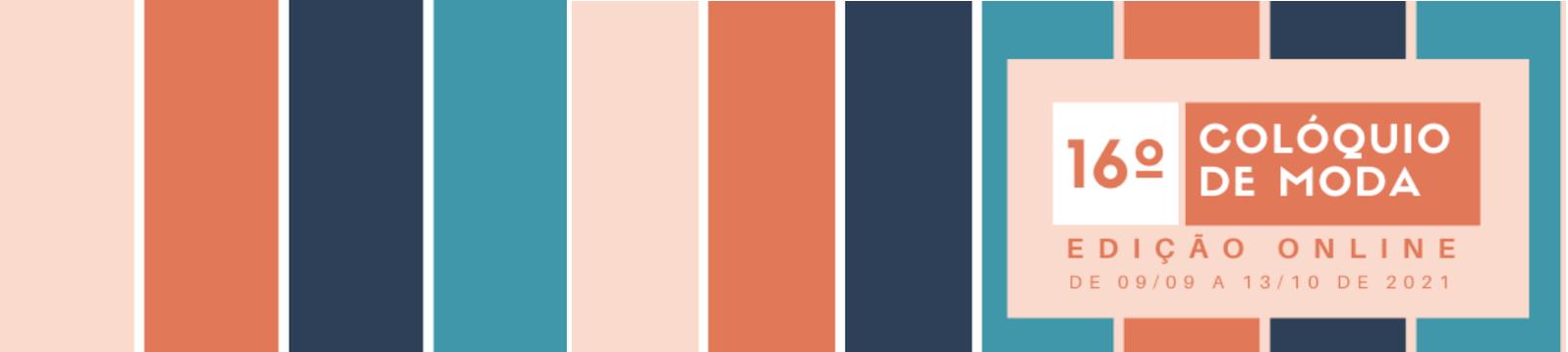
Diante da ruptura significativa causada pela morte de um ente querido ao bem-estar emocional de seus parentes e amigos próximos, é possível observar diversos tipos de reações ao longo dos anos e das mais diversas culturas. Se há mais ou menos cento e cinquenta anos, durante o período vitoriano, era possível observar a exaltação da morte e do morrer em todos os aspectos culturais da época (moda, literatura, música, arte, arquitetura, etiqueta...) hoje o mundo se retrai diante de um falecimento, pois já não existe a aceitação de que este se trata de um processo natural e comum a todos os seres vivos.

Este comportamento gera um sentimento de estranheza com o processo de elaboração do luto, ou até mesmo sua total negação. O medo da morte fez com que a sociedade ocidental a transformasse em um tabu, um assunto desagradável, uma verdade inconveniente. Se hoje vivemos muito mais do que no passado, se temos tratamentos medicamentosos e métodos preventivos para doenças complexas e perigosas, é fácil embarcar em um falso senso de invencibilidade, embora todos saibamos que existe apenas um único destino certo no final de tudo.

Se não existe conexão saudável com a morte e o morrer, é fácil encarar seus efeitos como grandes problemas, sendo um dos principais, a ausência física do ente querido. De repente, não existe mais a presença daquela pessoa que tanto significou para o enlutado e esta situação pode ser fonte de angústia e sofrimento, requerendo algum tipo de solução.

Vimos neste trabalho que o ritual gaúcho da Coberta da Alma oferece uma resposta para esta questão. Através do uso de uma muda de roupas do falecido por um membro próximo da família, logra-se a celebração de quem foi aquela pessoa em vida, a





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

encomenda de sua alma para o divino sagrado e, principalmente para a reflexão deste trabalho, a solução para a falta física causada pelo falecimento.

Peter Stallybrass (2008) afirma que as roupas recebem nossa marca humana, que são influenciadas por nós: “A mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma” (STALLYBRASS, 2008, p. 10). Cada marca deixada em uma roupa, cada puído, cada dobra, conta uma história, serve como um registro vivo da memória daquela pessoa que usava a roupa. Valendo-se deste princípio, é possível entender como as roupas servem como instrumentos perfeitos para a elaboração do luto e o enfrentamento da ausência física e material de um ente querido, sua capacidade de reter memórias e de devolvê-las a quem as observa, como ondas do mar, faz das roupas exitosas ferramentas para a solução do problema.

Charles Baudelaire dedicou em 1857 em *As Flores do Mal* um poema ao fato de os objetos nunca encontrarem fins definitivos e serem capazes de conferir retorno às suas essências, chamado de *O Frasco*:

Perfumes há que os poros da matéria filtram e no cristal dir-se-ia até que eles se infiltram. Ao abrimos um cofre que nos vem do Oriente, cujo ferrolho range e emperra asperamente, ou numa casa algum poeirento e negro armário, onde o acre odor dos tempos dorme solitário, talvez se encontre um frasco a recordar o outrora, do qual uma alma palpitante se evapora. Pensamentos dormiam, ninfas moribundas, a fremir com doçura em meio às trevas fundas, a as asas distendiam para alçar-se, estriadas, de azul e rosa, ou de ouro arcaico laminadas. Eis as lembranças inebriantes que se afligem no ar convulso; fecham-se os olhos; a Vertigem subjuga a alma vencida e empurra com a mão a um vórtice que exala a humana podridão; abate-a às bordas de um abismo milenário, onde, qual Lázaro rasgando seu sudário, se move ao despertar o defunto espectral de um velho amor malsão, gracioso e sepulcral. Assim, quando de tudo eu me tornar ausente, ao canto de um sinistro armário indiferente, quando esquecido eu for, qual frasco desolado, caduco, imundo, abjeto, poeirento, rachado, serei teu ataúde, amável pestilência, testemunho de tua força e virulência, veneno angelical, licor que sem perdão me rói, ó vida e morte de meu coração! (BAUDELAIRE, 2016, p. 221)



[em-que-vivos-usam-roupas-dos-mortos-cjg6rsvmf01ho01qlot0d2qcb.html](https://www.uef.br/revista/colquio-de-moda/em-que-vivos-usam-roupas-dos-mortos-cjg6rsvmf01ho01qlot0d2qcb.html) acesso em 28/08/2021.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor.** Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

